

Philibert volta a
Berlim debatendo
saúde mental



PÁGINA 3

Sebastião Salgado
diz que vai parar
de fotografar



PÁGINA 6

Série da Apple+
mostra mundo da
moda na II Guerra



PÁGINA 7

2º CADERNO

Fotos/Manoela Cardoso/Divulgação



Antropóloga, fotógrafa, cineasta e pesquisadora do povo Baniwa, que vive na região de São Gabriel da Cachoeira (AM), a indígena Francy Baniwa dirigiu a obra 'A Roça e Seus Caminhos'



Vanúzia Pataxó (esq) dirigiu 'Força das Mulheres Pataxó da Aldeia-Mãe' e Narriman Kauane (dir) dirigiu o curta 'Ethxô Nandudya' e é uma das idealizadoras da 1ª Mostra de Cinema Indígena Cine Comunitat

Por **Havolene Valinhos** (Folhapress)

Com acesso a formações nas aldeias, mulheres indígenas têm realizado produções audiovisuais e ocupado um espaço até então predominantemente masculino. Para dar visibilidade a essas obras, a Rede Katahirine, palavra da etnia Manchineri que significa constelação, tem se mobilizado.

A plataforma, criada pelo Instituto Catitu, mapeou até o momento 70 mulheres indígenas que trabalham com audiovisual em cinco biomas - mazônia, caatinga, cerrado, mata atlântica e pampa. Mari Córrea, fundadora e diretora do Catitu, diz que a ideia é dar visibilidade às mulheres de forma organizada.

“É possível conhecer o trabalho audiovisual pelo site da rede. Cada uma tem uma página e suas produções. Desde o lançamento, temos recebido demandas, inclusive para que elas sejam curadoras de exposições e mostras de cinema. É também uma

Autoralidade feminina e originária

Através da Rede Katahirine, mulheres indígenas têm se organizado para produzir seus filmes



Luciana Huni Kuin vive na aldeia Mibâya (AC) e conheceu o audiovisual por meio de uma oficina promovida pelo Instituto Catitu

oportunidade de remunerar essas mulheres.”

Aos 33 anos, Olinda Tupinambá, do povo tupinambá e pataxó hãhãhã, tem se destacado. Cineasta, jornalista e integrante do conselho da Rede, ela trabalha com audiovisual desde 2015 e ostenta a produção e a direção de dez obras, tanto de ficção quanto documental.

Em abril, a cineasta representará o Brasil na Bienal de Veneza com o curta “Equilíbrio”, produzido e dirigido por ela em 2020. Tupinambá também foi curadora de festivais e mostra de cinema, entre eles o Festival de Cinema Indígena Cine Kurumin, em 2020 e 2021. Ela ainda coordena o Projeto Kaapora e foi coautora do especial “Falas da Terra”, de 2021, produzido pela Globo.

A cineasta conta que é a primeira mulher a produzir audiovisual entre os 4.500 habitantes da aldeia Caramuru, no sul da Bahia, onde mora. Ela destaca que, na maior parte do tempo, faz produções independentes, sem recursos, e que, para continuar produzindo, a melhor maneira são os editais públicos.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Aline Fonseca/Divulgação



Caetano se apresentará no exterior pela última vez

Caetano anuncia última turnê internacional da carreira

Caetano Veloso anunciou que fará sua última turnê internacional. As apresentações começam em Houston, no dia 24 de março, e terminam no dia 13 de abril em Boston. Os shows, que fazem parte da turnê "Meu Coco" vão percorrer estados americanos como Texas, Washington, Califórnia, Nova York e Massachusetts.

Criancice

Baby do Brasil pôs panos quentes na polêmica com Ivete Sangalo no Carnaval. A cantora disse que agiu como criança ao dizer que o apocalipse estava chegando e apontou o motivo. "Às vezes, fica um pouco irresponsável", justificou.

Viva Betinho!

"Betinho: No Fio da Navalha", produção da Globoplay, é a única série brasileira na 74ª edição do Festival de Berlim. A apresentação da obra que mergulha na vida do sociólogo Herbert de Sousa está programada para esta terça-feira (20).

Os ingressos podem ser adquiridos no site oficial do artista e têm preços que variam de acordo com o local da apresentação.

No ano passado, o cantor e compositor fez uma série de shows dedicada ao repertório do icônico álbum "Transa", trabalho lançado em 1972, quando o baiano estava no exílio em Londres.

Tempos de crise

Em crise econômica, com propostas de venda e estudos de fusão, a Paramount apagou quase todas suas produções nacionais do Paramount+. É o caso de A Culpa é do Cabral, que por muito tempo foi a principal audiência do canal.

De saída

Matheus Ceará revelou que se demitiu do SBT depois de um período de 12 anos na emissora. Ele era uma das figuras mais conhecidas do programa "A Praça É Nossa". O anúncio foi feito pelo próprio comediante em suas redes sociais.

'Quando pegamos a câmera para fazer nosso filme, mostramos quem somos de verdade'

Manoela Cardoso/Divulgação

Muito da produção de Olinda Tupinambá é realizada na própria aldeia, mas seu objetivo é ir para outras e ampliar os horizontes. "Trabalho com o meu marido. Normalmente, faço direção, roteiro e gravo, mas, quando estou atuando, ele grava. É uma equipe bem pequena."

Corrêa diz que sempre tentou trazer mulheres para formação audiovisual nos dez anos em que trabalha com povos indígenas. "As mulheres foram ficando mais para dentro das aldeias, cuidando da parte doméstica da cultura. Mas começaram a participar mais da política, a ter mais voz e assumir postos que não tinham acesso", explica.

Ela afirma que o Conselho da Rede atua em quatro áreas que são prioritárias para as mulheres - formação, produção, distribuição e políticas públicas. Tupinambá é uma das conselheiras. A cineasta diz que o intercâmbio feito para que produtoras sem muita experiência trabalhem com as mais experientes ajuda o movimento a se solidificar.

"Precisamos dar visibilidade, para que o governo entenda que existe um conjunto de mulheres indígenas no audiovisual", afirma Tupinambá.

Um dos intuitos é levar a formação para todos os biomas do Brasil, a fim de ampliar a representatividade. "Quando pegamos a câmera para fazer nosso filme, mostramos quem somos de verdade, aspectos que ficavam escondidos, pois normalmente os brancos têm o fetiche de falar sobre a questão cultural e esquecem todas as outras esferas. Temos um monte de coisas para discutir que poderiam virar assunto de filme", acrescenta a cineasta.



Nani Manchineri (esq) e Mawapã Huni Kuin (dir) são algumas das 70 mulheres indígenas que produzem conteúdo audiovisual e integram a Rede Katahirine



Olinda Tupinambá: "Trabalho com o meu marido. Normalmente, faço direção, roteiro e gravo, mas, quando estou atuando, ele grava"

A luta pela terra também é retratada nas produções audiovisuais indígenas - nem sempre por escolha. Recentemente, a tia da cineasta foi assassinada e outros dois parentes foram baleados em razão da retomada de terras em Potiraguá, no sul da Bahia.

"Minha vida sempre foi meio que uma guerra. De fazer essa retomada, de ser tirada pela polícia, muitas vezes por fazendeiros, pistoleiros. As questões em relação ao território onde minha família mora só foram resolvidas em 2012, após uma decisão do STF, mas onde minha tia morava a disputa continua", diz ela. Mesmo não sendo seu tema preferido, o assunto já apareceu em alguns de seus trabalhos.

A Rede Katahirine mantém em seu site oficial (<https://katahirine.org.br>) os filmes de suas 70 realizadoras. O trabalho das 70 cineastas ligadas ao movimento estão disponíveis na íntegra.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Um ano depois da conquista do Urso de Ouro com o .doc “No Adamant”, Nicolas Philibert dá um novo (e mais ousado) passo em sua expedição ao terreno da clínica psiquiátrica no Velho Mundo com o delicado “Averroès & Rosa Parks”, primeiro achado do garimpo da não ficção da Berlinale 2024. O diretor francês, nascido em Nancy há 73 anos, fez fama com experimentos pautados pela inclusão, como “O País dos Surdos” (1992). Ele faz jus à sua trilha autoral aberta há cinco décadas com seu novo filme, debruçado sobre uma prática de tratamento calcada em técnicas de entrevista (e menos apoiada em ansiolíticos). A ideia é fazer os pacientes falarem sobre o que os acossam e os angustiam, destacando também suas alegrias e seus desejos.

“A sociedade nos julga pela visibilidade que temos, o que me leva a buscar espaços para gestos de acolhimento que não têm visibilidade na mídia”, disse Philibert ao Correio da Manhã, na época das filmagens de “Averroès & Rosa Parks”, logo após sua vitória em terras e telas da Alemanha. “Minha maior alegria com o Urso dourado é saber o quanto o troféu pode vir a favorecer a carreira de outros projetos de não ficção ao provar que o formato documental tem chance de conquistar um prêmio tradicionalmente atribuído às narrativas ficcionais

O êxito mundial de “Sur L’Adamant” - título original da produção que melhor coroou sua estética - ampliou o interesse do planisfério cinéfilo por seu olhar sobre as contradições do real. Nele, Philibert nos leva até uma estação fluvial de atendimento clínico a pacientes com distúrbio psiquiátricos, que flana pelas águas do Sena. Na passagem por Berlim, no ano passado, o longa ganhou ainda uma menção honrosa do Júri Ecumênico, formado por instituições cristãs de cunho humanista. “Averroès & Rosa Parks” integra a seção paralela berlinale Special, mas tem fortes chances de sair dela com o Prêmio de Melhor Documentário.

“Não me pauto em pesquisa, pois não chego à locação com o filme pronto. O filme em si é a pesquisa, pois eu não quero conceitos prévios, não quero filmar o que eu já sei e não quero impor qualquer conceito intelectual que eu tenha ao universo que busco conhecer”, explicou Philibert.

Conhecido no Brasil pelos .docs “Ser e Ter” (2002) e “Cidade Louvre” (1990), ele passou ao posto de diretor há cerca de 45 anos, ao filmar “La Voix De Son Maître”,



‘Averroès & Rosa Parks’ é um ensaio de Nicolas Philibert sobre psiquiatria

A idade da razão



Divulgação Berlinale

Aos 73 anos, Nicolas Philibert, ganhador do Urso de Ouro de 2023 com ‘No Adamant’, volta ao Festival de Berlim com um novo ensaio documental sobre tratamento psiquiátrico

ouvindo executivos em posição de chefia em grandes empresas. Nos 37 projetos que filmou na sequência, ele se pautou sempre por um mesmo método. “Pesquisas não

são algo mau. Jamais. Alguma coisa eu preciso estudar sobre o tema que vou retratar. Não posso ser leviano e ir sem preparo, sem o mínimo de informação. Mas não posso

impor postulações, sobretudo num caso como o do atendimento de psiquiatras na França”, diz o cineasta.

Há transtornos emocionais, crises existenciais e questões psiquiátricas graves abalando quem foi ao Adamant buscar ajuda. “Aquele lugar acolhe gente fragilizada, com fraturas, mas é gente que resiste. Meu papel político como artista foi da voz a eles”, disse Philibert, que aposta numa edição de timbre poético em “Averroès & Rosa Parks”. “Existem variadas formas de se fazer documentário. Eu faço o que considero ser ‘cinema político’, mas não me rendo ao rótulo que define esse conceito por aproximações a causas militantes, a slogans de governo. Eu não faço slogans, não aposto em proselitismos. Slogans são uma redução do pensamento. Sou contra a simplificação das ideias. Sou a favor da complexidade na troca. O que eu faço de ‘político’ passa pelo direito à construção da própria fala. Eu não imponho a meus documentados o que de ver ser dito, não sou eu quem leva a palavra àqueles pacientes. Deixá-los construírem seu próprio discurso é que um gesto político em si.”

A Berlinale segue até o dia 25. Os artistas e filmes premiados no evento serão anunciados no dia 24, pelo júri presidido pela atriz Lupita Nyong’o. Até o momento, “La Cocina”, genial estudo sobre os bastidores de um restaurante, dirigido pelo mexicano Alonso Ruizpalacios, é o longa com mais pinta de vencedor.

Filmes com Willem Dafoe e Sigourney Weaver, exibidos no festival alemão e inéditos no circuito exibidor brasileiro, encontram holofotes na Amazon Prime

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Contrariando Cannes, que fechou as portas para a Netflix em sua competição oficial desde 2017, a Berlinale flerta muito bem com o mais famoso dos streamings, assim como aperta as mãos das principais plataformas digitais da web, como comprova a badalação em torno da série Globoplay sobre Betinho, com Júlio Andrade.

Não por acaso, a grande promessa do evento alemão nesta terça-feira, “O Astronauta” (“Spaceman”), com Adam Sandler, é um Original Netflix. Por isso, não surpreende o fato de alguns dos longas-metragens de maior relevo do Festival de Berlim dos últimos anos - incluindo aí títulos com astros famosos - irem diretamente para a streaminguesfera, sem espaço em circuito. É o que se vê agora com o thriller “Dentro” (“Inside”), com Willem Dafoe. Na grade atual da Amazon Prime do Brasil, o suspense regado a doses de existencialismo, dirigido pelo grego Vasilis Katsoupis, arrebatada fã para si.

“Toda arte que se ocupa da condição humana é política”, disse Dafoe, esperado aqui na terça, para participar da cerimônia de entrega do Urso de Ouro Honorário de 2024 ao diretor Martin



‘Dentro’ traz Willem Dafoe no papel do ladrão de obras de arte Nemo

Streaming, um garimpo para os tesouros de antigas Berlinales



‘Meu Ano Em Nova York’ passou na capital alemã em 2020

Scorsese, que o dirigiu em “A Última Tentação de Cristo” (1988).

Em cartaz no Brasil como o cientista eunuco de “Pobres Criaturas”, Dafoe tem uma atuação exuberante em “Dentro”, dublado na Amazon por Márcio Simões. O filme passou na Berlinale em

2023. Até uns passinhos de “Macarena” ele ensaia, com direito a passar quase uma hora diante de nossos olhos construindo o que pode - na lógica de críticos de arte - ser chamado de “instalação”. “Esse roteiro era quase uma planta arquitetônica que me permitia in-

vestigar o apartamento do personagem e sua psique”, disse Dafoe ao Correio da manhã, lembrando-se de sua experiência no Brasil com Hector Babenco (1946-2016) nos sets de “Meu Amigo Hindu” (2015). “Babenco me deu um personagem incrível, num filme que merece ser redescoberto”.

Eletrizante tanto em suas sequências de tensão quanto em sua reflexão sobre a essencialidade da arte, o filmaço de Katsoupis põe Dafoe no papel de um ladrão especializado no roubo de pinturas e esculturas. Seu personagem, Nemo, fica trancado num luxuoso apartamento, sem chance de sair, depois que a tentativa de assalto planejada por ele dá errado. Confinado num oásis de concreto, Nemo vai enlouquecendo pouco a pouco, numa narrativa febril.

Filme de abertura da Berlinale

Divulgação

2020, “Meu Ano em Nova York” (“My Salinger Year”) nunca viu uma sala de projeção no Brasil, mas encontrou lar na Amazon Prime também, demonstrando a atenção que esse streaming devota às produções da maratona cinéfila germânica. Dirigida pelo canadense Philippe Falardeau, esta dramédia se apoia no carisma da atriz Sigourney Weaver. Há quatro anos, ela saiu da Alemanha ovacionada em sua atuação como uma bamba da edição de livros. E ela nem é a protagonista: o posto, no filme pertence a Margaret Qualley, conhecida pelo papel da jovem hippie que provoca Brad Pitt em “Era Uma Vez Em Hollywood”.

Aclamado em várias línguas, “Meu Ano em Nova York” é um estudo sobre amadurecimento em um meio artístico onde a palavra mais poderosa é aquela que chega escrita, justificando muitos silêncios nas relações interpessoais. Premiado pelo mundo afora com “O Que Traz Boas Novas” (2011), Falardeau concebeu uma delicada carta de amor à literatura, que escreveu e dirigiu baseado em memórias da escritora Joanna Smith Rakoff.

“A literatura é um lugar de encanto e de reflexão. Num filme tão feminino, de tantas mulheres fortes, foi fundamental ter uma fotógrafa no comando da câmera, como foi o caso de Sara Mishara, que filma com agilidade”, disse o diretor em resposta ao CORREIO, na Berlinale.

Com ligeireza de “Sessão da Tarde” em sua análise sobre o amor, “My Salinger Year” recria os anos 1990 a partir da experiência de Joanna como aspirante a agente literária, cuidando da obra de J. D. Salinger (1919-2010), autor do cultuado “O Apanhador nos Campos de Centeio” (1951). Sua fama foi potencializada por seu comportamento recluso, avesso a entrevistas e contatos com leitores. É papel da personagem de Joanna (vivida por Margaret) protege-lo de suas tietes literárias, a mando da temida agente vivida por Sigourney.

Vai ter Berlinale 2024 até o dia 25.

O amor contra a censura iraniana

Xodó da Berlinale, centrado numa paixão septuagenária, 'My Favourite Cake' sofre com os interditos legais do Irã, que impede a viagem de seus diretores

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Um ano depois da consagração de "Vidas Passadas" (um sucesso no Brasil) e cerca de 31 anos depois de revelar "Antes do Amanhecer", a Berlinale volta a fazer jus a seu talento para revelar e consagrar histórias de amor suspirantes com a exibição de "My Favourite Cake" na disputa pelo Urso de Ouro de 2024.

A diferença para suas descobertas anteriores no gênero é o triste contexto político por trás de uma trama outonal envolvendo

dois septuagenários: uma viúva e um taxista. Seus diretores, a dupla Maryam Moghaddam e Behtash Sanaeeh (de "O Perdão"), foi proibida de viajar para a capital alemã por um veto das autoridades de seu país, o Irã. Eles são acusados de desafiar os códigos morais iranianos em relação ao uso de hijab, uma espécie de touca (com aspecto de véu), que cobre a cabeça feminina de forma bem justa.

A interdição da presença de Maryam e Behtash foi recebida pela direção do Festival de Berlim como um atentado à liberdade de expressão e um retrocesso em relação ao tratamento das mulheres.

Pancadaria da terra do 'Parasita'

Representado na disputa oficial pelo Urso de Ouro pelo prolífico artesão autoral Hong Sang-soo (na disputa com "A Traveler's Needs"), a Coreia do Sul assegurou uma dose de tiro, porrada e bomba para a segunda semana do evento alemão (iniciado no dia 15), com a projeção do thriller "The Roundup: Punishment" ("Beom-Joe-do-si 4").

Essa trama de investigação e tapas na cara, dirigida por Heo Myeong Haeng, é uma sequência

de um sucesso mundial de bilheteria "Força Bruta", lançado aqui em 2022.

Ma Dong-seok, ou Don Lee, o Gilgamesh da aventura "Eternos" (2021), da Marvel, é seu protagonista. Ele vive uma espécie de Dirty Harry da Ásia.

Embora o Festival de Berlim tenha exibido ensaios sobre a violência em anos recentes – caso de "Logan", em 2017, e de "Tempo de Caça", em 2020 –, é curioso ver o mais politizado



Os diretores Maryam Moghaddam e Behtash Sanaeeh foram proibidos pelo governo iraniano de viajar para o Festival de Berlim, que exhibe 'My Favourite Cake'

"Decidimos ultrapassar as restrições legais e pintar um retrato real das mulheres iranianas", disseram os realizadores numa carta lida diante da imprensa pela atriz e jornalista Lily Farhadpour, que protagoniza "My Favourite Cake" ao lado de Esmael Mehrabi.

Ela vive Mahin, que perdeu o marido há cerca de três décadas, criou (bem) a filha e hoje vive sozinha, aos 70 anos. Na mesma idade, o moto-

rista Famararz (papel de Esmael) também lida com a solidão em seu dia a dia. Porém, durante uma noite, num encontro casual, eles vão provar do gostinho do benquerer.

Tal sinopse pode sugerir apenas doçura. No entanto, "My Favourite Cake" sabe ser áspero ao expor a brutalidade policial na repressão de jovens estudantes que ousam sair de casa com os cabelos à mostra. "Sonhamos com o dia em que

nosso filme poderá ser exibido nas telas de nosso país", disseram Maryam e Behtash no texto enviado à Berlinale, que pode dar a eles um prêmio coletivo de Melhor Interpretação, coroando Lily e Esmael.

Nos últimos 15 anos, o festival confiou seu Urso de Ouro há três filmes que contestaram os ditames iranianos: "A Separação" (2011), "Táxi Teerã" (2015) e "Não Há Mal Algum" (2020).

Divulgação



Berlinale acolhe longa da franquia 'The Roundup, Punishment'

dos eventos cinematográficos do Velho Mundo flertar com o cinemão de gênero pela mais patrulhada das vias: os thrillers de

pancadaria. Nesse novo filme, o detetive brucutu Ma Seok-do bate pesado numa quadrilha de jogo ilegal online.

Os títulos anteriores dessa cinessérie asiática desafiam as leis da gravidade, num padrão "John Wick" de excelência. (R.F.)

MORA NA FILOSOFIA

ALDO TAVARES
PROFESSOR-MESTRE EM FILOSOFIA

Papo com Orígenes de Alexandria

A última fronteira da vida não é o marxismo, não é o existencialismo; a última fronteira da vida é o sagrado. Se a criança é sagrada, valores da inocência se preservam, por exemplo, o ato de brincar sem finalidade com seus semelhantes. Em tempos atuais, porém, o sagrado vulgarizou-se em igrejas, onde a palavra é proferida por uma ignorância sedenta de dízimo. Encontrar pessoas é encontrar palavras, e eu as encontrei com um dos maiores pensadores da filosofia cristã, Orígenes de Alexandria.

O cristianismo encontra-se vulgarizado?

O cristianismo se vulgarizou porque Jesus deixou de ser o Lógos para servir aos sentidos como diversão.

Como assim Lógos?

Quando João diz que “no princípio era o Verbo”, é o mesmo que “no princípio era o Lógos”, palavra grega cuja melhor tradução é “palavra ordenadora”, e é ordenadora por pertencer à ordem do Sagrado, sabendo que, sendo Sagrado, não pode ser violado.

Publicou algum livro sobre isso?

Sim, em “Tratado sobre os Princípios”.

Fale um pouco sobre...

Hoje, a palavra de Jesus está entregue à revelia corruptiva dos sentidos corporais, mas existe o sentido imortal, divino, que chamo de inteligência. Muitos se dizem representantes de Jesus para que

sejam vistos, mas ver é uma coisa, conhecer é outra. Jesus é Palavra, é Lógos, e só é possível chegar à Palavra por meio da Sabedoria, que é o início dos caminhos de Deus. “E a Palavra era Deus, e ela estava no princípio junto a Deus” (Jo 1,1-2).

O senhor curte um heavy metal em Cristo?

O que é heavy metal? (quando o som do grupo Sepultura de Jesus começou a tocar no meu celular, Orígenes disse). Prefiro ouvir Johann Sebastian Bach, por exemplo, “Jesus, a alegria dos homens”, pois não consigo delirar o bastante a fim de imaginar a vinda de Jesus aos berros do heavy metal.

Sua última leitura?

Foi “O reino”, do jornalista Gilberto Nascimento.

Gostou?

É um livro que mostra a história de uma igreja que destrói o conhecimento e, por conseguinte, a palavra de Deus. A questão não é gostar.

Qual é a questão?

É que, em nome de Deus, a Palavra do Senhor não é propagada. A igreja precisa urgente voltar à exegese verdadeira, que é ser obediente à Palavra de Jesus, e isso eu deixo bem claro no meu livro “Tratado sobre os Princípios”, onde digo que, em nossas buscas sobre a realidade tão importantes, não nos basta apelar para as concepções comuns e para a evidência do que se vê.

Um clique que fará falta ao mundo

Drew Forsyth/Divulgação



Sebastião Salgado, o fotógrafo brasileiro de maior reconhecimento mundial

Sebastião Salgado irá se aposentar da fotografia para se dedicar à edição

O renomado fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado decidiu se aposentar após uma carreira marcada por prêmios e reconhecimento internacional.

Em entrevista ao jornal The Guardian, ele disse que vai se dedicar à edição de seu catálogo, um dos mais reverenciados da fotografia contemporânea. Há 15 anos, o acervo tinha cerca de 500 mil trabalhos. Uma nova contagem está sendo realizada para atualizar esse dado.

A obra de Sebastião Salgado é de extrema importância tanto no campo da fotografia como no âmbito social e artístico. Durante décadas, o brasileiro percorreu o mundo documentando diversas questões sociais e ambientais, utilizando sua câmera como uma poderosa ferramenta de conscientização.

Uma das características mais marcantes do trabalho de Salgado é

sua abordagem humanista. Suas fotografias retratam de forma íntima e compassiva a vida de comunidades marginalizadas, trabalhadores rurais, refugiados, povos indígenas e outros grupos que muitas vezes são negligenciados pela sociedade. Suas imagens têm o poder de transmitir as histórias dessas pessoas de maneira sensível e digna, despertando empatia e convidando o espectador a refletir sobre a condição humana.

Além de seu compromisso com a justiça social, Sebastião Salgado também é reconhecido por sua maestria técnica e estética. Suas composições são cuidadosamente planejadas, capturando não apenas momentos, mas também narrativas complexas. Ele utiliza a luz, a sombra, a textura e os contrastes para criar imagens poderosas e emocionantes.

Outro aspecto importante de sua obra é sua preocupação com o meio ambiente. Salgado foto-

grafou extensivamente a natureza, registrando paisagens inexploradas e animais selvagens. Seu projeto “Gênesis” é um exemplo desse esforço, promovendo a conservação da biodiversidade e retratando alguns dos últimos lugares intocados do planeta.

No ano passado, a Organização Mundial da Fotografia, com sede em Londres, anunciou que ele receberia o prêmio “Outstanding Contribution to Photography” - contribuição notável para a fotografia -, o segundo latino-americano agraciado com a honraria, depois da mexicana Graciela Iturbide em 2021.

A láurea homenageia uma pessoa ou grupo que influenciou de forma significativa o meio fotográfico, explica a organização em um comunicado.

“Sebastião Salgado, um dos fotógrafos mais proeminentes e famosos atualmente no cenário internacional, adquiriu uma enorme reputação por suas notáveis composições em preto e branco desenvolvidas ao longo de uma carreira de mais de 50 anos”, afirma o texto sobre o artista.

Série 'New Look', da Apple+, narra fundação da Dior sem vilanizar Chanel após colaboração com nazistas

Por Bárbara Blum (Folhapress)

Mais uma na onda de séries e filmes sobre o universo da moda que tomam as telas, "The New Look", produção da Apple+ sobre nascimento da Dior, tem a moda apenas como pano de fundo. Ao menos é isso que pregam os produtores-executivos Todd Kessler, autor de "Bloodline", e Lorenzo di Bonaventura.

Kessler afirma que, antes de ser uma narrativa que escrutina a fundação da maison francesa, a série, que se passa nos anos 1940, é sobre "as escolhas que os personagens foram obrigados a fazer durante a ocupação nazista de Paris".

Boa parte da série antecede a criação da casa Dior, em 1947. Ali, a guerra havia acabado e, com ela, o governo Vichy e a ocupação nazista de Paris, que durou quatro anos. "Dior deliberadamente queria trazer a beleza de volta depois de uma guerra devastadora", afirma Ben Mendelsohn, vencedor do Emmy de ator coadjuvante por "Bloodline", em 2016, e ator de Christian Dior na nova série.

Esse anseio por tempos melhores espelhava o passado recente sinistro de Dior. Durante a guerra, Dior e outros designers famosos, como Pierre Balmain, trabalhavam para a maison Lucien Lelong, vivido por John Malkovich, que não fechou suas portas e se manteve vendendo vestidos para as mulheres e namoradas dos nazistas.

Com o dinheiro dos belos vestidos usados em bailes nazistas no

As grandes grifes francesas em tempo de guerra

Divulgação/Apple+



Ben Mendelsohn vive o estilista Christian Dior em 'The New Look'

Divulgação Apple+



Juliette Binoche encarna Coco Chanel na produção

Ritz parisiense, Dior sustentava a irmã Catherine, papel de Maisie Williams, a Arya de "Game of Thrones", integrante da Resistência francesa. Não sem motivo, Men-

delsohn descreve seu personagem como uma pessoa ansiosa.

Foi esse caldo de drama humano e história que atraiu Kessler para a narrativa. Ele diz ter conhecido a

história do fundador da grife, Christian Dior, em 1997, ano em que se celebrava o cinquentenário da coleção de estreia da marca. "Eu conhecia a marca, mas não sabia nada sobre ele", diz.

A trama ganha um contorno importante com a presença de Coco Chanel, vivida por Juliette Binoche. O papel de Chanel como colaboracionista com o regime nazista costuma ser mencionado aqui e ali na história da moda, mas "The New Look" faz dela uma personagem essencial para a compreensão do próprio Christian Dior.

"Chanel se sentia traída pela leitura que Dior fazia da moda. Ela achava que tinha quebrado o padrão, e tinha mesmo, e que ele trazia de volta esse padrão. É uma competitividade da moda. A per-

sonagem de Chanel ajuda a definir Dior também pelos olhos dela", diz Di Bonaventura.

O padrão a que se refere o produtor-executivo é o chamado "new look" de Dior. O termo batiza a série e define o visual que o estilista quis vender depois dos horrores da guerra, baseado em cinturas bem marcadas e saias volumosas. Tudo que o Chanel quis abolir nos anos 1920 com a proposta à la garçonnette de suas silhuetas soltas e comprimentos curtos.

O impacto da estilista era gigantesco na França. "Antes da guerra, Chanel era a estilista que mudou o comportamento e a mentalidade. Ela se livrou do corset, cortou o cabelo, inventou o Chanel nº 5. Na guerra, ela decidiu fechar sua loja. Ela tinha 4.000 costureiras, isso é muito", diz Juliette Binoche.

Mendelsohn avalia que a designer continua dominante - por bons motivos. "Ela é uma sobrevivente, assim como Dior. Mas eles são pessoas diferentes, com qualidades diferentes. Não acho interessante julgar e não é isso que estamos fazendo", diz. Para ele, a série quer mostrar como é se movimentar num mundo em que as escolhas importantes não são óbvias. "Isso é muito universal", afirma.

Apesar das afiliações nazistas de Chanel, ela está longe de ser pintada como uma vilã em contraponto a um mocinho Dior. "A ocupação nazista durou quatro anos. Não é como se, em dois anos, os franceses soubessem que aquilo acabaria. Poderia durar para sempre. Todos estavam tentando sobreviver", diz Kessler. "É empolgante contar a história de personagens que estão passando por períodos de grande provação."

O que me faz gostar do chifa

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

A primeira vez que fomos ao Peru, fomos convidados a jantar em um chifa. Simples assim. Chegamos lá e encontramos um comida deliciosa, inventiva, misturando os sabores doces, salgados, apimentados, temperados. Chifa é uma tradição culinária chinesa peruana baseada em elementos cantoneses fundidos com ingredientes e tradições peruanas.

Para conhecer a cozinha chifa e comemorar o ano novo chinês, fomos ao Cantón de Copacabana. Fui acompanhada da super influenciadora Tatiana Brasil que sabe tudo de sabores, posto que é chefe experimentada com as delícias de Europa, França e Bahia. Tatiana leu na nossa coluna e pediu para ver de perto essa novidade.

O primeiro prazer foi ver a decoração, com todos os elementos que remetem à China. Sentimo-nos em Xangai e fomos

CRÍTICA / RESTAURANTE / CANTÓN

Tomás Rangel/Divulgação



A fusão das culinárias chinesa e peruana

atendidas pelo gentil Yan que nos indicou o que comer. Não queríamos ousadia e nem experimento. Apenas saber os sabores muito diferentes. Afinal, o Cantón é o primeiro restaurante chifa do Brasil.

Os wontons fritos chegaram secos e crocantes com o recheio formando um creme de porco e frango, com o delicioso molho de tamarindo. O Siu May, massa cozida no vapor que lhe dá uma maciez especial, recheada de porco e camarão, com molho hoisin frutado. Como esse ano é o do dragão, aceitamos o Dragão Verde (vodka, capim limão e limoncello) para termos sorte.

A chaufa de camarão que quer dizer “arroz frito”, e o prato consiste em um mexidinho feito com arroz e diferentes carnes mais shoyu. O camarão e mix de vegetais, curry taj mahal, ovo, broto de feijão e maionese de maracuja e camarão misturam todas as tradições, inclusive as nossas que faz um festa de paladares, ainda mais que incluímos, com delicadeza, a forte pimenta da casa. Finalizamos com Chijaukay, frango desossado crocante com molho de ostra e cogumelos, acompanhado de arroz cantón e omelete chinês. Assim, saímos com a certeza que um grande ano nos aguarda.

SERVIÇO

CANTÓN

Rua Rodolfo Dantas, 26 – Copacabana

De segunda a quinta (12h às 16h e 18h às 23h),

sextas (12h às 17h e 18h a 0h), sábados (12h às 18h e

10h a 0h) e domingos (12h às 22h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Ana Rabelo/Divulgação



Cookies de verão

A chef pâtissière Thaís Lucchetti, da Bites Confeitaria, cria aqueles sabores incríveis para os seus cookies. Para aderir à estação mais carioca do ano, apresenta dois novos sabores: Mate com Limão e Piña Colada. O primeiro é um crinkle cookie - textura que parece um bolinho - com cream cheese, aromatizado com raspas de limão e erva mate. Já o Piña Colada é preparado com massa de coco recheada com compota de abacaxi, ganache de chocolate branco e rum. Os cookies são encontrados na Junta Local; e pedidos são feitos em @bitesconfeitaria e (21) 96813-6065.

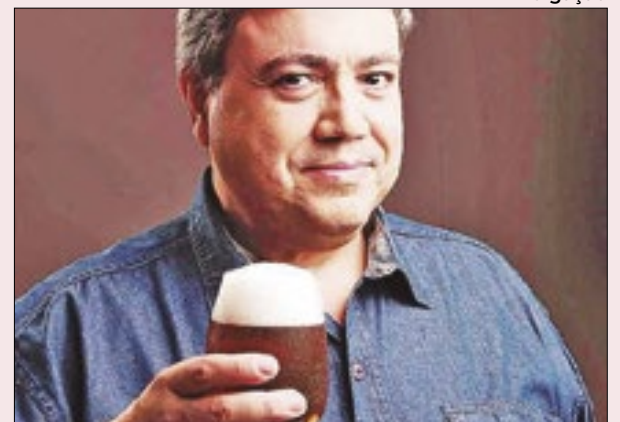
Café de verão

O hábito do café no Brasil é para despertar nossas manhãs, servir às visitas, marcar encontros. O Café Cultura resolveu explorar o lado refrescante da bebida, mais adequado ao calorão que está fazendo e que pede energia. São duas opções saborosas e com o frescor que o verão pede. O Café Refresh (com laranja) – preparado com um V60 extraído sobre gelo e com o item especial, a rodela de laranja Bahia. E o Espresso Tônica - um clássico com uma dose de espresso, água tônica e muito gelo, com um toque fresco de hortelã. @cafecultura

Divulgação



Divulgação



Harmonizando

O beer sommelier José Padilha (foto) e a chef Beth de Sá se uniram para uma experiência incrível com dicas de harmonizações, com um jantar completo com cerveja e pratos de frutos de mar. A enorme variedade de estilos de cervejas faz dela uma bebida versátil e com mais possibilidades de harmonizações. Padilha dá as melhores indicações, conta histórias e uma das suas sugestões é milk-shake de sorvete com a Denker Imperial Stout. Unir a cerveja e gastronomia, valoriza a refeição e a torna memorável! Dia 20, no Zona Sul da Barão da Torre. Ingressos no Sympla.